

IDENTIDADES EM TRÂNSITO - FIGURAÇÕES DA DIÁSPORA NO CONTO  
“DESENCANTO”, DE ORLANDA AMARÍLIS

Angela Glaucia da Silva<sup>14</sup>; Amilton José Freire de Queiroz<sup>15</sup>

RESUMO

Esta comunicação propõe-se a analisar o conto “Desencanto”, da coletânea “Caisdo-Sodré té Salamansa” (1974), de Orlanda Amarílis. Assim, o objetivo é rastrear as figurações da diáspora, destacando como as mobilidades culturais intersubjetivas, transculturais e desviantes impactam a literatura da autora cabo-verdiana, a ponto de promover a reconstrução de identidades em trânsito na memória, cultura e sociedade contemporânea. Para tanto, a metodologia assenta-se no estudo bibliográfico, bem como nas reflexões da Teoria da Literatura, dos Estudos Pós-coloniais e Decoloniais. Até o presente momento, os resultados desta pesquisa de mestrado evidenciam que a literatura produzida por Orlanda Amarílis apresenta um olhar crítico, diferenciado e solidário quanto à figuração da diáspora. Por isso, uma conclusão provisória do trabalho seria a de que as identidades em trânsito figuradas em “Desencanto” sinalizam em direção à cartografia de memórias de reexistências femininas, abrindo horizontes de reflexão para pensar as estratégias de descolonização do corpo, linguagem e humanidades da/na literatura de Cabo Verde hoje.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mobilidade. Desencanto. Orlanda Amarílis. Literatura.

INTRODUÇÃO

É sabido que o processo colonizador de Cabo Verde desencadeou leituras, contextos e perspectivas diferentes quanto à relação entre culturas, imaginários e memórias. Sendo assim, a “seca e a insalubridade constituem os dois fatores que mais condicionaram a evolução da ocupação das ilhas” (VEIGA, 1998, p. 81). Tais condições oportunizaram uma colonização híbrida, na qual portugueses, escravos e negros livres fizeram parte do povoamento das ilhas, constituindo um povo plural,

<sup>14</sup> Mestranda em Ensino de Humanidades e Linguagens – Ufac. E-mail: angelaglaucia053@gmail.com;

<sup>15</sup> Docente no Colégio de Aplicação e Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – Ufac. E-mail: amilton.queiroz@ufac.br.

cuja natureza híbrida tem desencadeado releituras e reescritas da formação sócio-histórica e literária cabo-verdiana.

Nessa perspectiva, é possível reconhecer que o arquipélago de Cabo Verde sofreu “um sistema de legitimação ideológica que tendia a deformar e disfarçar o real, veiculando mitos que a classe dominante queria divulgar na ‘metrópole’ e nas suas colônias” (VEIGA, 1998, p. 30). Além disso, nota-se a difusão da crença de que a colonização favorecia os colonizados ao lhes inculcar dogmas religiosos e da civilização ocidental, enraizando, dessa forma, sentimentos de inferioridade nos povos colonizados.

Diante deste cenário, a literatura cabo-verdiana produzida pela “geração actual começa a cansar-se da seca e da terra árida, os jovens trocam a incerteza das colheitas pela aventura no espaço urbano, à esta emigração para o estrangeiro” (VEIGA, 1998, p. 92). Partem, assim, em busca de melhores condições de vida, de forma que a diáspora passa a ser “considerada por muitos como espaço de continuidade da cultura caboverdiana, novas ilhas espalhadas pelo mundo” (VEIGA, 1998, pág. 92). Afinal, mesmo vivendo em diferentes lugares do mundo, os caboverdianos não se desvinculam inteiramente de suas raízes.

Não à toa, uma das formas de resistência do povo caboverdiano é a literatura, tendo em vista que esta “é fator indispensável de humanização” (CANDIDO, 1995, p. 176). No caso de Cabo Verde, esse espaço de resistência e humanização emerge com o movimento literário *Claridade*, inspirado na literatura produzida no Brasil. É por esse caminho de diálogos e trocas culturais que os escritos insulares inseriram “temas do dia a dia, o drama do homem das ilhas, o universo da seca, das fomes, da insularidade e da emigração” (VEIGA, 1998, p. 91).

Partindo dessas considerações, este trabalho analisa a escrita de resistência de Orlanda Amarílis, primeira escritora a ter um livro publicado em Cabo Verde. Assim como muitos conterrâneos, Amarílis vivenciou a diáspora, ao transitar entre lugares diferentes como a Ilha de São Vicente, o Estado da Índia Portuguesa, Lisboa, Nigéria, Canadá, Holanda, Espanha e sua terra natal, Cabo Verde.

É desse universo de deslocamentos que Orlanda Amarílis apresenta ao público cabo-verdiano e outros países das literaturas africanas de língua portuguesa uma escrita literária que aborda a resistência da mulher caboverdiana,

documentando “a historicidade da participação feminina na construção e no desenvolvimento do país” (GOMES, 2008, p. 11).

Para tanto, iremos examinar, nesta comunicação, o conto “Desencanto”, da coletânea “Cais-do-Sodré té Salamansa” (1974). Assim, o objetivo é rastrear as figurações da diáspora, destacando como as mobilidades culturais intersubjetivas, transculturais e desviantes impactam a literatura da autora cabo-verdiana, a ponto de promover a reconstrução de identidades em trânsito na memória, cultura e sociedade contemporânea.

Estudar, pesquisar e divulgar a literatura de Cabo Verde no contexto do Seminário de discentes do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens constitui um ato de resistência às epistemologias abissais, como diria Boaventura de Souza Santos. Mas, especialmente, significa enfrentar o desafio de pensar o ensino das literaturas africanas de língua portuguesa na sociedade acreana/cruzeirense, articulada, futuramente, ao diálogo com autores/as autoras da literatura produzida nas Amazônias acreanas.

É por este caminho, por exemplo, que têm transitado a orientação, reformulação do projeto e itimização e escrita da dissertação de mestrado, ora intitulada *Entre arquipélagos, cidades e florestas - estudo comparado de textos afro-latino-americanos escritos por mulheres*.

Neste exercício inicial de leitura da literatura de Cabo Verde, por meio da escrita de Orlanda Amarílis, esperamos, pois, ensaiar possibilidades de compreensão da diáspora como horizonte teórico-metodológico crucial para articular o debate sobre o ensino da literatura cabo-verdiana na cultura, diversidade e sociedade acreana.

## METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo destacado acima, a pesquisa realizada assume o cunho bibliográfico a respeito da diáspora e insularidade presente na escrita de autoria feminina da autora cabo-verdiana Orlanda Amarílis.

Para tanto, adotamos como base teórico-crítica as reflexões de Manuel Veiga (1998), Simone Caputo Gomes (2008), Antonio Candido (1995), Stuart Hall (1999),

Jane Tutikian (2010), entre estudiosos que discutem a descolonização dos padrões eurocêntricos.

Sendo assim, o presente estudo pautou-se na leitura de livros e artigos de pesquisadores relacionados à resistência presente na literatura caboverdiana, que foram esmiuçados e fichados. A partir dessa síntese, passamos a conhecer um pouco mais sobre a historiografia do país insular, bem como traduzir a realidade contemporânea retratada nos escritos da autora.

Nesse passo, foi fundamental a leitura dos contos da coletânea de Orlanda Amarílis. Tal momento apresentou-nos o campo literário, discurso e crítico no qual a literatura da autora está organizada, abrindo linhas de análise e interpretação dos temas e horizontes da escritura de Amarílis. Assim, ampliam-se as abordagens que poderíamos adotar ao examinar o texto da autora, dentre elas destacamos as contribuições dos estudos pós-coloniais e decoloniais.

É, pois, na interface destas perspectivas que localizamos a reflexão e a metodologia para estudar, pesquisar e divulgar a figuração da diáspora em Orlanda Amarílis, sempre com a premissa de que o trabalho acadêmico é marcado por complexidades teórico-críticas que solicitam um constante resignificar e tomada de decisões. Por isso mesmo, sensível à flexibilidade e complexidade da pesquisa no âmbito das humanidades e linguagens.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita de autoria feminina cabo-verdiana, segundo Simone Caputo Gomes, é um “caminho metodológico aberto para a possibilidade de construção das diferenças e de explorar a diversidade dos papéis informais” (2008, p. 6). Nesse sentido, a literatura seria um lugar de reexistência para a figuração do cotidiano de mulheres cabo-verdianas, por meio de temáticas como a insalubridade, a diáspora e a resistência.

A propósito dessa questão, a autora Orlanda Amarílis salienta em suas obras “a literatura de migrante-mulher” (GOMES, 2008, p. 8), uma estratégia por meio da qual é possível figurar as vivências de personagens femininas provenientes de Cabo Verde, dentro e fora do arquipélago. Abra-se, assim, uma linha de investigação que

contribui para pensar os modos de figuração deste diálogo entre culturas, imaginários e experiências de reexistência hoje.

Para compreender melhor esse tópico, em “Desencanto”, quarto conto da coletânea Cais-do-Sodré té Salamansa, vejamos como Amarílis retrata a diáspora vivida por uma personagem cabo-verdiana, que não é nomeada. Em primeiro lugar, tal anonimato revela a crise de identidade vivenciada pela protagonista, que não se sente, de fato, integrada ao país estrangeiro; inclusive, vive uma constante busca de sua identidade em um lugar diferente.

Além disso, o próprio título do conto já evidencia o teor da desilusão vivida pela jovem, que saiu de sua terra natal em busca de melhores condições de vida, mas se encontrou em um cenário de marginalidade e de exclusão social. A partir deste aspecto, evidencia-se, assim, a realidade de cabo-verdianos que precisam “deixar as ilhas seja por causa do clima inóspito em muitas delas, seja porque é no exterior que o futuro pode ser conquistado, às vezes ilusoriamente” (FONSECA, MOREIRA, 2007, p. 8).

Tal ilusão ganha mais densidade no curso do conto “Desencanto”, pois, mesmo com o sentimento de não pertencimento e desilusão, a protagonista prefere continuar a viver no estrangeiro, a voltar a vida de adversidades em sua terra natal. Afinal, ela se pergunta de forma instigante: “Voltar pra quê? Para vegetar atrás das persianas da cidade parada e espreitar as mulheres trazendo a água do Madeiral em latas à cabeça ou os homens puxando as zorras com os sacos para a casa Morais?” (AMARÍLIS, 1974, p. 42). Pelo que se observa, a personagem aceita a condição de estrangeira, nunca realmente tolerada pela sociedade europeia, tendo em vista o preconceito racial.

Dessa forma, ao experienciar a vida acelerada da metrópole como cenário, a personagem questiona-se constantemente: “Bom dia, passou bem?” (AMARÍLIS, 1974, p. 41). Tais relações líquidas se contrapõem ao ambiente insular, no qual os ilhéus têm um sentimento de proximidade. Apesar de não pertencimento ao lugar, ela assimila algumas características da linguagem desse, ao aprender mais o vocabulário do país estrangeiro por meio do contato com outros falantes, que se mesclam ao português cabo-verdiano. Destarte, a protagonista não nomeada, assim como outras estrangeiras, vive nas margens da metrópole, com o salário de um emprego subalternizado, tendo em vista suas faltas de qualificação.

Nessa perspectiva, identifica-se que a forma como a personagem é vista pela sociedade lisboeta: isto é, muitas mulheres mestiças são relegadas à subalternidade. Dessa forma, a figuração da diáspora é uma estratégia para questionar os processos de marginalização do imaginário feminino. Não à toa, Amarílis projeta a imagem de que mesmo que a personagem tente fugir do arquipélago este está enraizado em seu ser, através de termos náuticos como: “Afoga-se num mar de suor. Esbraceja num último esforço” (Amarílis, 1974, p. 43).

Em tal direção, identifica-se, pois, que a escrita de Amarílis figura novas formas de reler e reescrever as paisagens da cultura de Cabo Verde. Afinal, apesar dos vínculos com o seu país natal, a personagem não possui “a ilusão de um retorno ao passado” (HALL, 1999, p. 88).

Por conseguinte, os resultados provisórios a que a presente pesquisa chega são os de que a figuração diáspora em Amarílis é um horizonte em construção. Isso significa, em linhas gerais, aprender a compreender os múltiplos processos de resignificação das identidades em trânsito.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a instituição escolar é “um espaço de *poder* e *potência* (Veiga-Neto, 2016) – *poder* que pode oprimir e *potência* que pode fazer ganhar forças questões e temas fundamentais à reflexão sobre as opressões de que nos constituímos” (AMORIM [et al], 2022, p. 105), é preciso que os currículos escolares desconstruam e descolonizem o dito cânone literário, para dessa forma construir-se uma consciência identitária.

À vista disso, a inserção de escritos literários femininos de mulheres caboverdianas é uma forma de descolonização e resistência, rompendo com o modelo hegemônico, que valoriza o dito cânone literário em prol do silenciamento e marginalização de uma polifonia de vozes.

Diante disto, a figuração a diáspora em Amarílis revela que as mulheres caboverdianas são portadoras de enunciação plural, ao esmiuçar “suas vivências cotidianas, assumindo o seu protagonismo, a diagonal do seu olhar e a sua própria voz. (GOMES, 2008, p. 21).

Em diálogo com tal horizonte crítico, diríamos que “Desencanto” é, pois, um arquivo literário no qual se esboça uma consciência identitária, ao reinterpretar a história, atribuindo um valor feminina a escrita do arquipélago, ressaltando, assim, a solidão, a resistência e a diáspora vivenciada por mulheres cabo-verdianas.

Portanto, como arquivo da figuração da diáspora “Desencanto” abre horizontes plurais para ensaiar a releitura e reescrita das identidades em trânsito ainda por mapear neste e noutros espaço do estudo, pesquisa e divulgação da literatura de Cabo Verde nas fronteiras acreanas/cruzeirenses.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARÍLIS, Orlanda. **Cais do Sodrê té Salamansa**. Coimbra: Centelha, 1974;

AMORIM, Marcel; DOMINGUES, Diego; KLAYN, Débora; SILVA, Tiago. **Literatura na escola**. São Paulo: Contexto, 2022.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo/ Rio de Janeiro: Duas cidades/ Ouro sobre azul, 1995.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Moreira, Terezinha Taborda. **Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa**. Caderno Cespuc de pesquisa. Série Ensaios. V.16, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde: Literatura em chão de cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial; UNEMAT; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

GOMES, Simone Caputo. **Literopintar Cabo Verde: a criação de autoria feminina**. Revista Crioula – nº 3 – maio de 2008.

VEIGA, Manuel. **Cabo Verde: Insularidade e Literatura**. Paris: Karthala, 1998.